



Reseña

Trajetórias: transgêneros brasileiros e o tráfico de pessoas. Murilo Mota. Rio de Janeiro: Mauad X, 2026[‡]

Mário Jorge de Paiva[§]

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7158-4371>

Escola Estadual Nilo Cairo – Brasil

Gustavo Cravo de Azevedo^{**}

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2743-3503>

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

DOI: <https://doi.org/10.33975/disuq.vol15n2.1522>

Cómo citar esta reseña: Paiva, M. y Azevedo, G. C. de. (2026). *Trajetórias: transgêneros brasileiros e o tráfico de pessoas.* Murilo Mota. Rio de Janeiro: Mauad X, 2026. *Revista Disertaciones*, 15(2), 127-132.



Material publicado de acuerdo con los términos de la licencia [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International \(CC BY-NC-ND 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/). Usted es libre de copiar o redistribuir el material en cualquier medio o formato, siempre y cuando dé los créditos apropiadamente, no lo haga con fines comerciales y no realice obras derivadas.

[‡] Recibido: 30 de junio de 2026. Aceptado: 14 de agosto de 2026.

[§] Contacto: mariojpaiva91@gmail.com

^{**} Contacto: gustavo_cravo@hotmail.com

O livro *Trajetórias: transgêneros brasileiras e o tráfico de pessoas* é uma obra de relevância até por ser uma interseção de temas ainda relativamente pouco estudados, assim vemos um claro avanço de Murilo Mota entre este livro e seu livro anterior. O livro aqui resenhado é uma pesquisa qualitativa envolvendo entrevistas presenciais e online com pessoas que estão relacionadas a este universo de prostituição e tráfico de pessoas, então acompanhamos relatos de servidores públicos do judiciário, agentes de movimentos sociais, prostitutas etc. Como no livro anterior, a obra poderia ter uma discussão metodológica de maior fôlego, e há questões pouco desenvolvidas nesse sentido, de qualquer forma, como já dito, há um claro avanço.

A pesquisa – após uma apresentação e um prefácio, escritos respectivamente por Maria Celeste Simões Marques e por Bruna da Silva Rocha – passa para um primeiro capítulo chamado Primeiras Aproximações. Nele o autor fala um pouco de sua trajetória acadêmica no tema, falando que o livro é resultado de seu pós-doutorado na UFRJ. Vendo o livro como uma possibilidade de se alcançar um público maior e além dos muros da universidade; também falando que a presente pesquisa foi desafiadora.

Depois disso, se inicia um capítulo chamado Introdução. Aqui, entre outras considerações, fala que o livro debate um crime ainda invisibilizado e pouco tratado academicamente, logo o texto possui caráter de denúncia. O autor também apresenta uma parte de seu aporte teórico, citando Hannah Arendt, Foucault, Bourdieu, Preciado, entre outros. Igualmente é apontado que o fato de ser uma pesquisa realizada durante a pandemia de COVID, e no calamitoso governo Bolsonaro, trouxe seus próprios desafios.

Se comenta a interseccionalidade dos temas tratados, como é apontado em mais de um momento do livro, uma coisa é discutir o preconceito contra um jovem trans de classe média alta, com capital cultural e familiar, branco, outra é discutir um jovem trans de classe média baixa, em algum município distante, indígena etc.

O capítulo fecha com uma citação de Preciado (apud Mota 26) dizendo que o corpo trans é odiado, em todos os lugares, mas também é fantasiado, desejado e consumido.

O capítulo 1, Considerações iniciais, começa por falar da herança nefasta do bolsonarismo e do governo Bolsonaro, sendo, como é corroborado por outros pesquisadores como Alexandre Bortolini, um período de retrocesso na promoção de direitos sociais e civis, principalmente para mulheres, pessoas negras, deficientes, pessoas LGBTI+. Políticas públicas para a promoção dos direitos humanos foram dilapidadas e a abordagem aos temas sensíveis, como enfrentamento ao tráfico de pessoas, foi deliberadamente negligenciado. Classificando o governo do momento como neoconservador e neoliberal. Havendo uma nítida campanha pautada no ódio direcionado contra a população LGBTI+ e contra a dita ideologia de gênero. A violência contra as pessoas trans, por sua vez, é vista como institucional e estrutural.

Nesse capítulo é falado sobre ética da pesquisa, dilemas de entrevistas online, como uma boa fonte pode abrir outras portas no campo e por aí vai. Aqui já temos os primeiros contatos do leitor com trechos das entrevistas existentes. É interessante notar como alguns agentes do Estado percebem a justiça como ineficiente e mesmo como eles também acreditam que o Estado possui um papel negativo, muitas vezes, reafirmando preconceitos e violências. Outro ponto de relevância é a discussão sobre como muitas vitórias recentes existiram, mas há ainda a dificuldade de se implementar na outra ponta esses ganhos para as populações mais vulneráveis.

A prostituição não é vista como um fenômeno homogêneo, e termina sendo uma forma de agência, mesmo marginalizada, dessas pessoas trans, travestis etc. dentro de uma sociedade machista, de transfobia. A própria figura do cafetão e cafetina é vista como ambígua, pois há a dimensão da exploração, mas também aqui se está falando de uma série de coisas que talvez esse ente não conseguisse de outras formas, como a questão da vida na Europa, acesso aos mecanismos de mudança corporais desejados, etc.

O capítulo 2, Trajetórias, possui centralidade na estrutura do livro, porque nesse capítulo o autor vai apresentando as prostitutas entrevistadas. Cada seção ele subdivide um nome e sua história de vida. Há aqui histórias de vida diferentes, mas um elemento

recorrente parece ser a violência, violência da exploração comercial (de um mercado de trabalho que dá poucas oportunidades além da prostituição), violência do racismo (uma das prostitutas relatava, por exemplo, que as pessoas falavam que além dela ser preta ainda era “viado” etc.), violência escolar (além do bullying, uma das entrevistadas apontou que sua primeira experiência sexual foi um estupro no banheiro da escola) (Mota 135), violência da consequência do vício em drogas, a possível violência dos clientes e da sociedade no geral, mesmo a cafetina que pode bater e ameaçar a prostituta que não está em dia com seus custos etc. Uma das garotas relatou, inclusive, uma brutal tentativa de homicídio, em que ela recebeu vários golpes de estilete e só sobreviveu “graças a Deus”. O autor inclusive entrevistou uma mulher que trabalhava “agenciando” meninas para a Europa, então, de certa forma, ele viu os dois lados dessa história.

Há aqui debates sobre a mudança do nome no RG, uso de hormônio, a questão do vício em drogas, vide o crack, se há um desejo de ir para a Europa etc. Uma das entrevistadas, por exemplo, fala que em sua época de Europa muitas iam para a Itália, pois a França tinha fortalecido leis contra a prostituição, então fatores de conjuntura também são relevantes aqui; outro ponto interessante é como as próprias entrevistadas parecem não ter uma definição muito clara da diferença entre uma travesti e uma pessoa trans.

Momento curioso, igualmente, é como uma das entrevistadas contou como o esquema de exploração pode acontecer, ela relata: você combina de pagar 14 mil euros pela viagem, ponto de prostituição etc., mas é aí que está a “pegadinha”, ninguém falou que há outros gastos, como pagar aluguel, alimentação, táxi, entre outros custos; assim essa entrevistada relata que, no fim, ela não sabia o valor total da dívida que surgiu nessa época de sua ida para a Itália (Mota 99). O valor vai crescendo e pode se tornar impagável, ela mesma relata que demorou mais de um ano para pagar a sua dívida e, nesses termos, é que a cafetina pega o passaporte, para “garantir” que a pessoa não fuja, e mesmo a polícia pode prender a prostituta, não pela prostituição em si, mas por ser imigrante ilegal.

Os capítulos 3 e 4, O cenário do tráfico de pessoas e Trajetórias de sonhos, continuam os desdobramentos teóricos dos tópicos antes levantados. Apontando alguns

elementos históricos da discussão sobre tráfico de pessoas, como sua definição mudou ao longo do tempo (não sendo algo exclusivo de mulheres e crianças, como o próprio cenário trans aponta); sempre se tendo em vista como são trajetórias de vida, como dito no capítulo 3, marcadas por muitas vulnerabilidades sociais (Mota 141). Havendo essas questões interseccionais, envolvendo pobreza, origem regional, sociedade machista, patriarcal etc. Sempre se ressaltando que muitas vezes tais pessoas nem se percebem como vítimas de tráfico humano, mas isso não anula o crime.

Também é apontado no capítulo 3, como os números desse tipo de crime ainda não são confiáveis, o que não deixa de ser uma deixa para mais pesquisas exploratórias sobre o tema. O que é muito frisado pelo autor é que há até uma confusão entre categorias em que migração, imigração e tráfico de pessoas não são necessariamente as mesmas coisas, e é ressaltado como os próprios agentes públicos se mostram, muitas vezes, despreparados para tratar desse tipo de questão, chamando as travestis de “os travestis” e encarando seus nomes sociais como “codinomes”, “apelidos”.

O capítulo 4, por exemplo, aponta que é sonho comum, nesse tipo de população, querer viver na Europa; em que a prostituição termina sendo uma forma mais rápida delas modelarem seus corpos para a feminilidade, envolvendo todo o tipo de custo estético, médico. A prostituição pode aparecer então como uma forma de empoderamento, como a forma como tais pessoas conseguiram alguma agência diante de tantos percalços. Aqui também é melhor desenvolvido como o deslocamento migratório é prática comum em populações LGBTI+, muitas vezes fugindo de seus locais de origem provincianos e de suas tacanhas existências com famílias conservadoras (Mota 164). A presença de outras pessoas trans, travestis, cafetinas, se mostram como uma forma de busca por conhecimento e mesmo uma rede de apoio, não sendo estranho que algumas cafetinas terminem sendo chamadas de “mamita”, “madrinha” etc. Também sendo apontada certa correlação entre esse tipo de campo social e a questão das drogas ilícitas (cf. Mota 166).

Mais uma vez, quando se fala de tráfico de pessoas, muitas vezes, não estamos falando de sequestros e vítimas acorrentadas, mas violências simbólicas, psicológicas etc.; aqui estamos falando de migrações voluntárias, decorrentes de faltas de

oportunidades laborais e a busca por uma melhor qualidade de vida (que o Brasil não oferece para esse tipo de população) (cf. Mota 170). Como certos tópicos se repetem de capítulo para capítulo, há algumas redundâncias na escrita do material, em que acreditamos que se o livro fosse um pouco mais curto não haveria nenhuma perda significativa na qualidade do material.

O capítulo 5, Transgêneros, se mostra mais interessante que os dois anteriores, pois é uma análise mais epistemológica e mesmo ontológica sobre o que é ser trans e como a teoria de Foucault, Butler, Bourdieu etc. podem nos ajudar a entender tais populações.

O livro termina com um capítulo chamado Considerações finais, aqui não há nenhuma grande novidade em relação aos capítulos anteriores, mas é ressaltado como essas pessoas entrevistadas constroem suas identidades de gênero em meio a vidas permeadas de vulnerabilidade social, muitas vezes envolvendo um cenário migratório de “fuga” de suas pequenas cidades de origem. Pela vulnerabilidade tornam-se vítimas da falta de políticas públicas efetivas e dos aliciadores. A cafetina possui, como já dito, um papel ambíguo de exploradora, mas também de “segunda família”.

O livro poderia ter uma discussão metodológica mais densa e certas partes poderiam não ter redundâncias, de qualquer jeito, o saldo final da leitura é positivo, e esse é um livro que merece ser lido, diante de um tema ainda tão pouco explorado na academia.

Referencias

Mota, Murilo. *Trajetórias: transgêneros brasileiras e o tráfico de pessoas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2026.